

APPARECE  
TODAS AS  
QUINTAS-FEIRAS

# NA BARRICADA

Jornal de combate e de critica social

QUEM VAE  
A UMA BARRICADA  
PRECIZA LEVAR, ALÉM DE  
UMA ESPINGARDA NA MÃO,  
UMA IDEIA NO CÉREBRO

ANNO I - NUMERO 20

Relação e administração - Rua do Rosario N.º 170

Director: Orlando Corrêa Lopes

Brazil - Rio de Janeiro, 27 de Outubro de 1915

Assignaturas

Brazil - anno. . . 5\$000 - Exterior - anno. . . 7\$000  
Numero avulso 100 rs. - Numero atrazado 200 rs.

## Collaboração

São colaboradores effectivos de "Na Barricada": **Lopes Trovão, Fabio Luz, Pedro do Couto, Coelho Lisboa, José Oiticica, Carlos de Vasconcellos, Campos de Medeiros, Sampaio Ferraz, Hermes Fontes, Domingos Ribeiro Filho, Theodoro de Magalhães, Reis Carvalho, Mauricio de Lacerda, Sarandy Raposo, Silva Marques, etc.**

## NOTA À MARGEM

Estava com a razão e não me enganei, baseado nos dados adquiridos pela observação, quando nas primeiras notas que escrevi, afirmei estar Pedro do Couto satisfeito com a engenharia da organização social da *hora andante*, por ser ella uma *contingência facta*, no seu modo de entender, como *a lei da granitão universal*. A organização social do futuro, como elle pensa, não é nada do futuro; é a que aqui está: é a do industrialismo.

Bem affirmou elle estar afastado do comtismo.

Lá, a solução da questão social, num futuro que ainda está longe, virá com a dictadura scientifica e as classes sociais, a começar dos banqueiros.

A que Pedro do Couto suppõe ser a organização futura é a que aqui está.

O industrialismo tudo domina; ha a industria da politica, a industria dos empregos publicos, a industria dos titulos e diplomas academicos, a industria da instrução, a industria das fabricas e a industria da direcção das fabricas e do aqumbaramento das riquezas, a industria das actas eleitoraes com a ficção de eleição, a industria da mais digno pelos processos electoraes em que são qualificados os cidadãos que compõem os *syndicatos politicos* que tudo exploram, no diuer do brilhante articulo.

Por simples questão de amor proprio ou para não perder seus foros de politico republicano militante, mantem-se Pedro do Couto teimosamente na defeza do que elle denomina governo, e que vae amesquinhando cada vez mais em seus artigos, ora cassando-lhe o mandato, aliás muito naturalmente, no caso de haver chefe de governo agindo em contrario á vontade de seus patriotas (leia-se electores); ora usando da força para compelli-lo a não ser mais do que o expoente de suas opiniões, o executor de suas ideias.

Tudo isso representa a aspiração republicana, com seu mandato imperativo, cassação de diploma por falta de correspondencia de ideias entre o electorado e o eleito; *pronunciamentos* á mão armada para depoições dos governos; instabilidade e desmoralização dos governos; salvação á moda das intervenções no Mexico e nos Estados Federados do Brazil.

*Tampouco será hereditario, o que não implica o impedimento na escolha do filho ou parente de quem for governo ou de quem tenha sido, deulo que so apresente capaz.*

Não valia o trabalho de propagar ideias de renovação social, e aspirar a formas novas de organização social, para chegar a este resultado, Quem melhor preparado para governar do que o filho do rei, que se educa especialmente para esse mister? Por ventura a princeza Isabel não deu sobejas provas de capacidade governamental e não foi impedida de ser rainha pela vnda republicana?

Tudo na organização social, que Pedro do Couto pensa ser a melhor, é o que aqui está, no descabro dos governos, quer monarchicos, quer republicanos. Apenas ha uma concessão, na sociedade futura de Pedro do Couto, feita ao Positivismo, que é a das pequenas patrias. A dictadura sem prazo e sem fim, á moda de Porphirio Diaz, lá está. A possibilidade da formação das oligarchias; a probabilidade de qualquer Bernardotte formar dynastia e entrar no Almanaque de Gotta; o dominio do industrial burguez, apesar do papel bastante simplificado dos governos, também figura na organização futura de Pedro do Couto, organização que em nada difere do capitalismo absorvente de hoje, que sómente realizará a *divisão dos officios* e a *convergença dos esforços* em proveito exclusivo de seus interesses egotistas, e ferozmente desluzmanos.

Afirmando a *fallencia da sociedade actual*, Pedro do Couto, faz uma applicação homeopathica no seu tratamento, dando-lhe para sua salvação o proprio mal, ou aquillo que já produziu o mal e é capaz de produzi-lo sempre.

FABIO LUZ  
Rio, 14 de Outubro de 1915.

## AO DR. JOSÉ OITICICA

**PRENADO CONFRADE**  
A situação de inferioridade em que me colloca o meu estado de saúde, situação agravada ainda por multiplas preocupações, não me tem permitido responder uma a uma as preciosas cartas que vão motivando estas desculpas e desculpas. Será bastante generoso para revelar-me esta falta involuntaria, vou procurar responder aqui aos topicos essenciaes das suas duas ultimas cartas.

Já disse a razão por que sympathizo com as ideias anarchistas. Confrontando-as com o socialismo propriamente dito, vejo neste uma confissão de fraqueza, de falta absoluta de confiança na acção individual que o leva a preferir a condição abjecta de senhor escravizado á de escravo revoltado, infinitamente mais digna.

Sentindo-se incapazes de viver sem direcção de outrem, querendo ser independentes, mas não podendo conquistar essa independencia por suas proprias forças, os socialistas abandonam-se incondicionalmente ao jugo do Estado-Moloch e fazem assim duma ficção monstruosa uma especie de protector anonymo.

O anarchista, ao contrario, é um homem forte, capaz de se dirigir, e por isso mesmo não cessa de afirmar a sua individualidade, dispensando a protecção humilhante, em troca da qual o socialista faz abstracção da sua personalidade.

Mas, convencido do seu valor, porque os clamados valores sociais não são senão diferentes syntheses dos valores individuais, não se resigna a aceitar a situação presidiada pelo Estado, situação em que a grande maioria é impiedosa e cruelmente sacrificada a uma diminuta minoria de afortunados, cujo bem estar material não resulta em prejuizo senão do roubo nas suas varias modalidades.

E como é o Estado ou governo organizado a força que protege essa situação de injustiças e miserias, elle condemna preliminarmente toda a especie de archia.

Mas não é a archia em si que deve ser considerada, é a archia immoral, a archia injusta, a archia que protege e fomenta a desigualdade no dominio dos proprios direitos naturaes, que o homem já possui efficacia, antes de constituir-se em sociedade, é o Estado regulador de tudo, que annula o individuo, sem protegelo realmente, que fecha os olhos aos assassinatos á fortuna publica e particular, aos crimes de toda a especie, quando praticados pelos detentores do poder ou os seus comparas, e fogla com a condemnação dum infeliz que se apoderou dum pão para matar a fome.

Mas, dirá o amigo dr. José Oiticica: não é possível organizar um governo que não seja dessa especie, porque todo governo tende para o abuso, e nisto estamos de perfeito accordo.

Reflecta, porém, o illustro confrade que o governo é composto de poucos individuos, e se a maioria ou totalidade dos homens, fixados num determinado territorio, não conseguem escolher alguns dentre elles dotados da moralidade necessaria á pratica do bem, de modo que ninguém se queixe de injustiça, como será possível evitar o abuso entre individuos de temperamento e inclinação diversos, quando elles não têm contas a dar senão a si mesmos?

Sustenta o dr. José Oiticica que a causa desses abusos, dos crimes e torpezas de que a maioria dos homens dá repetidos e multiplos exemplos são simplesmente o governo e a propriedade privada.

Quando aos governos estamos de accordo num ponto, é que elles têm sido até a hora presente mais prejudiciaes do que uteis aos povos, precisamente porque se compõem de homens.

Mas admittamos que a propriedade privada seja também por muito neste regimen de injustiças e miserias. Que resta então a fazer? Acabar com ambos, o mais cedo possível.

Como? Só vejo dois meios para isso: a revolução, que é o supremo recurso dos povos roubados e escravizados, e o accordo, de que fala o meu illustro confrade.

Supponhamos que a revolução triumphou, que o governo e a propriedade privada foram abolidos, que não ha mais tribunaes, nem policia, nem exercito. Quaes seriam as consequências? Os mãos, que são em tão grande numero, tornar-se-iam bons, os vicios e maldades que os perturbam e perturbam os outros, transformar-se-iam em virtudes?

Isso seria o ideal. Mas não creio que a sua realização seja tão facil. A reorganização da humanidade pela pratica da virtude não depende de decreto de governo regular ou de proclamação de governo revolucionario.

Se assim fosse, já não estaríamos a estas horas falando em anarchia e socialismo como solução aos destinos humanos; a humanidade estaria de ha muito gosando do bem estar a que tem direito a especie em virtude de qualidades que não possuem os outros animaes. Se, como vé o illustre confrade, não é possível tornar os homens virtuosos por determinação da lei, e sem virtude, como sentimento geral, a felicidade é impossível, devemos abandonar esse meio de regeneração, por impraticavel.

Encaremos o outro meio, o accordo mutuo, de que fala o confrade. Mas

quem, por que meios, levará a cada individuo a convicção de que é necessario esse accordo para a felicidade commum? Devemos pensar antes de tudo na grande massa anonyma, espalhada por todos os cantos do pais (não falo do mundo, mas do pais), e que se compõe de milhares de individuos, julgados a torto especie de preconceitos, vehiculos estragados, mas convencidos, de todas as maneiras, de todos os erros com que lhes alimentaram a limitadissima capacidade de pensar?

Se, quanto a esses, o accordo não se me afigura facil, que diremos da parte pensante da humanidade? Os reformadores, os observadores dos phenomenos individuaes e sociais, vêm tudo, como se sabe, pelos prismas os mais diferentes, e propõem soluções oppostas. No dominio dos reformadores, para nos limitarmos ao nosso caso, como conciliar o anarchista individualista com o anarchista comunista, de que falou o illustro confrade, como conciliar o anarchista com o socialista, os socialistas e anarchistas com os positivistas, e o proprio socialismo uns com os outros, atheus e deistas, catholicos e protestantes?

Dirá o confrade que no momento dado, aquelle mesmo momento em que, segundo Rousseau e Hobbes, os homens selvagens resolveram abandonar o estado natural pelo de sociedade policiada, farão o sacrificio das suas convicções, dispensando toda e qualquer forma de governo e das commodidades que lhes dá a propriedade privada. E' possível, porque o grupo é limitado e composto de homens pensantes, que tanto podem pensar para o bem como para o mal; mas o resto, a grande massa humana, quem a convencerá da necessidade do accordo, que luz lhe illuminará os refulsores vazios e escuros do cerebro para essa estupenda conquista?

A encarmos pois o anarchismo sob essa forma absoluta, o melhor é confessarmos desde logo que estamos bringing a guerra civil á porta.

A maioria parece impossível, é perder duas vezes o tempo, porque nem os que promettem têm fé na sua obra, nem aqueles a quem ella deve beneficiar acreditam na efficacia do prometido.

embra o illustro collega que, tendo a humanidade conquistado a liberdade dos mares, não lhe é impossível conquistar a liberdade da terra, pelo processo que aponta.

Ha nisso um equivooco. Os mares ainda não são livres para os individuos.

Os navios que cruzam os oceanos estão sujeitos a regulamentos mais ou menos draconianos. Têm de trazer o pavilhão duma nação qualquer como condição para tocar em qualquer porto; estão sujeitos a visitas sanitarias e de policia criminal. Era o maximo que as nações podiam conquistar nesse terreno, porque pretender que a navegação fosse privilegio d'um determinado povo, seria pretender o impossível. Que nação teria podido organizar uma esquadra capaz de monopolizar os mares? Nenhumha. E' verdade que, depois das descobertas maritimas, houve por parte dos povos descobridores essa estultia pretensão, mas não passou duma ideia inoffensiva, tanto que não foi preciso muito esforço para demonstrar a sua inanidade. O livro *De mara liberum* com que Hugo de Grotnius destruiu essa pretensão, não precisou de ser secundado e hoje só é citado como curiosidade historica. Os povos descobridores, não podendo conservar o privilegio conseguido pelos phenicos durante algum tempo, até a chegada dos hellenos, occultando a rota, como fez mais tarde Colombo, tiveram essa esdruxula pretensão.

Era tão difficil a elles realizarem tal ideia, como é difficil aos generosos e fortes anarchistas de hoje conquistarem a terra, acabarem com todos os governos exploradores, sem um longo e pertinaz trabalho de doutrinação.

Devem trabalhar pelo que é possível actualmente e depois das primeiras conquistas verdo o que é possível conquistar ainda. No terreno das conquistas moraes a segunda etapa é quasi sempre mais facil do que a primeira.

E' preciso antes de tudo combater os governos máos que nos reduzem á situação de miseria em que nos achamos; é forçoso trabalhar pelo diminição gradual das funções attribuidas ao poder publico, cuja consecuencia será naturalmente o augmento do valor individual; é indispensavel fazer sentir que cada individuo é uma força e que essas forças reunidas formam um poder incontrastavel e irresistivel. João Baptista Say, o economista francez, tantas vezes citado pelos exploradores do povo, já dizia que o Estado é uma ulcera que cumpre reduzir tanto quanto possível: «L'Etat est une ulcere qu'il faut reduire autant que possible».

E Say não tinha certamente diante dos olhos os governos do Brasil que, depois da proclamação desta republica de carnaval, tocam á raia do inconcebivel.

Como é sabido, os governos municipaes arrecalam impostos, que são invariablymente gastos como se fossem propriedade dos arrecadadores, em banquetes e festas ou em aquisição de propriedades para goso dos pseudos governantes; os governos estadoaes fazem o mesmo. Alguis até comem os minios dos jardins zoologicos e as sobras dos officios de justiça, mandando estes para a cadeia, porque tem o esaforo de gritar contra a anthropogagia.

O governo da União é o que todos nós sabemos: uma quadrilha que se repilha de quatro em quatro annos para pilhar do melhor modo possível os cofres publicos.

E' necessario, pois, agir contra essa ordem de cousas: agir, isto é, preparar os elementos para a derrocada. Não vejo outro meio senão acordar as energias individuaes, ensinar aos homens que a liberdade só se conquista na barricada, que é o seu ultimo refugio.

Não ha doutrina mais apta do que o anarchismo para essa grande obra, por isso que se trata duma doutrina individualista.

Pouco importa que ella tenha ou pareça ter o seu lado chimerico.

A chimera ficará sendo chimera, e ha alguma cousa de util se fará.

Além disso o anarchismo não é ainda duma doutrina perfectamente systematizada. O meu illustre confrade já concordou que a sociedade anarchista, emquanto não tenha governo, terá uma direcção, que afinal não deixará de ser um governo.

Por outro lado, o proprio Proudhon chama ao anarchismo *forma de governo*.

Nas suas «Confissões dum revolucionario» diz elle, textualmente: «A ideia economica do capital, a ideia politica do governo ou da autoridade, a ideia theologica da Igreja, são tres ideias identicas e reciprocamente convertiveis: atacar uma é atacar a outra».

O que o capital fez sobre o trabalho e o Estado sobre a liberdade, a Igreja opera-o por sua vez sobre a intelligencia. A democracia é a abolição de todos os poderes, exceto o *juridico* e *proprietario*. A verdadeira *forma de governo* é a Anarchia».

Tambem os melhores escriptores anarchistas que conheço: Kropotkin, Jean Grave, Sébastien Faure, Laurent Tailhade e outros não julgaram ainda necessaria a systematização da doutrina.

Mas o seu caracter, essencialmente individualista, torna-a capaz de promover a regeneração da humanidade.

E' isto o que penso, caro confrade. Ou a afirmação da individualidade ou a marcha decedente, que nos levará até ao nivelamento com os animaes inferiores.

Sempre amigo.  
SILVA MARQUES

## CHRONICA PARLAMENTAR

Lamento que neste jornal tenha eu um espaço tão diminuto afim de apreciar, como um espectador nas galerias, os factos culminantes do nosso parlamento.

O chronista geralmente precisa de mais espaço. A vida parlamentar é como um grande rio que passa rugindo, arrastando tudo, que dentro delle cabe, para o grande oceano que é o povo.

O chronista nada mais faz que sentar-se á margem, com um lapis e um canhenho a toniar notas.

Lá vem um tronco que tombou com a tempestade, vem vindo, encontra um empedilho, detem-se, mas a correnteza avoluma-se e o tronco lá vae descendo. O chronista, á margem, toma nota. Depois, celeré passa uma folha ou flor qualquer, e elle annota.

Assim é, pois, na Camara.

Assim um discurso *colossal*, uma espolha de motivos, necessaria é a mais desenvolvida critica, mas, como o espaço é exigido deixa-se seguir o rumo.

Assim, queria eu traçar algumas linhas a respeito do trabalho do ex-leader do governo Affonso Penna, o illustre deputado Carlos Peixoto Filho, cujo talento e saber muito respeito.

Mas, infelizmente tenho a dizer pouca cousa.

O orçamento financeiro para 1916, all está bem explicito, a receita tanto e c despeza tanto.

Se, por acaso, seguirem o que all está explicado dentro em breve a crise em que ora nos debatemos será um mytho.

Eu não digo que é de Minas que ha de vir a salvação da Patria?!

Phrases celebres de parlamentares não menos celebres:

... Sóava as ave-marias, e o cançaceiro de brucos sobre a sella do cavallo, meditava, Mystico de poesia e de sentimento».

João do Norte  
... Eu não sabia que o Zé entendia tanto de manteiga».

Tonico Andrada  
... Ora, eu não tenho tempo nem de ler os jornaes».

Chico Bressane

## O QUE PENSO

Provado como ficou que não ha sociedade sem governo, variando o modo de ser deste conforme as épocas; evidenciado também que os governos se formam de accordo com as tendencias do tempo; e, ainda mais, como ha sociedade o indica - claramente industrial, no periodo que ahí vem, conclui mui logicamente que aos industriaes caberá inevitavelmente a direcção social, tanto mais facil de ser então exercida, não só pelo gráo de desenvolvimento moral e mental do homem como pelas reduzidas dimensões das patrias nesse momento historico.

Essa dupla condição facultará, pois, a maior dose de felicidade ao homem, facilitando-lhe o outrosim a que melhor se accentuem as condições de solidiiedade peculiares á nossa especie, solidiiedade que pód ser encarada quer quanto aos homens da mesma patria, quer quanto aos homens em geral, determinando-a solidiiedade directa e a indirecta. Aquella, naturalmente mais intensa porque de mais facil execução, esta, cada vez mais profunda, dado o desenvolvimento crescente dos meios de comunicação entre os homens de modo a que a permuta - moral, intellectual e material - se faça prompta e efficasamente.

Não será, pois, possível jámais tornar a Terra a patria de todos os homens, como pensam os anarchistas, pregando a supressão das barreiras territoriaes, já porque a fatal e eterna diversidade das linguas sempre existirá, já porque seria um erro de logica conceber a aggriação mais particular que o homem forma estabelecendo-se a família - e a mais ampla e mais complexa - que é a humanidade - sem cogitar de um termo medio destinado á ligação daquelles dois extremos.

Esse termo é a patria; pequena porção continua do planeta, contendo varias familias unidas pelos mesmos costumes, presas pelas mesmas tradições e *valor* esse *valor* e inerente a natureza dos proprios anarchistas a concebem com o nome de communas. Que são estas senão pequenas patrias?

Haverá, pois, como já fiz vér e não é de mais repetir, um governo central, convergencia dos esforços individuaes, synthese das aspirações dos filhos de cada patria.

Assim como nem todos os homens serão capazes de ser engenheiros, medicos, carpinteiros, mecanicos, etc., havendo portanto individuos mais aptos para esses encargos *fataes* e aos que se prestarão respeito e obediencia, também nem todos se poderão dirigir, *maxime* tendo-se em conta a diversidade de caracter e de intelligencia dos homens. Seria preciso que estes fossem *anjos* para que podessem viver conjunctamente, sem que os seus interesses collidisserem. Se no lar é necessaria a acção paterna para manter o equilibrio da familia, tendo os seus membros, a seu favor, a mesma ascendencia e portanto a mesma herança psychica, como não conceber nas patrias (communas dos anarchistas) uma acção central que coordene e de equilibrio ás energias de seus componentes? E esse governo se manterá sem o apoio da força armada? Naturalmente. Nessa época os exercitos permanentes terão desaparecido, como pelos mares passaram somente as frotas que transportem generos de utilidade, e pelos ares planarão grandes e bellas aves, succedaneo natural da navegação e da viação, levando sob suas asas possantes tudo que faltar ao homem aqui, em troca de tudo quanto acollá possa elle produzir.

Não haverá exercito, mas haverá tribunaes que decidam pendencias que entre os homens se dão, visto que não é de admittir que os homens, fundamental-

mente egoistas, e portanto máos, se convertam em bondades absolutas, em perfeições supremas, nessa época. Naturalmente, dissidios se darão entre elles; querelas se formarão e terão de ser resolvidas, mas não se chegarão a golpes no caso, mas por quem lhes possa dar conselhos, resolvendo-as. Dir-se-á que taes questões serão impossiveis, porque não existirá o motivo que as determina hoje - a propriedade individual.

Ora, em primeiro lugar, se assim fôra, isto é, se tudo fosse de todos e se todos fizessem o que lhes viesse á vontade, é o que o egoismo mais se assumaria; em segundo lugar, o homem, por mais evoluído moralmente que esteja, terá sempre paixões, interesses, nobres que sejam, e consequentemente, attricções com os seus semelhantes, dando como resultado a necessidade de ser sol-os. Taes sejam elles e poderão ser solucionados pela intervenção amigavel, o que hoje também se dá; cresçam elles porém de relevancia e fatalmente este alvitre não bastará, impondo-se a necessidade da existencia de homens de notavel capacidade moral, a cuja arbitragem recorram os que dissintam entre si, incumbindo-lhes o julgamento do caso.

Objectar-me-hão que esse encargo apaziguador poderá ser exercido por qualquer grupo de homens, formado no momento, não sendo necessaria a sua persistencia. Não colhe semelhante ar-gumento, por isso que elle revela o desconhecimento da natureza humana, que por toda a parte exige a estabilidade. De facto, se houver homens cujo alto criterio e cujo discernimento se firmem pela resolução de taes e taes casos, com elevação com bondade e com o maximo de imparcialidade, claro está, que lhes ficará de vez a missão de julgadores, formando tribunales de arbitragem, com funções amplas e decisivas.

Essas funções, porém, são de raro em de raro em raro, questões se apresentarão, demandando a sua intervenção.

Não haverá advogados profissionais, porque todos exporão os seus casos em linguagem commum, provando o que allegam e fiando na inteireza dos juizes, que d'elles independeão inteiramente.

Como se comprehende, tendo em vista a evolução que tudo modifica, os delictos se reduzirão o mais possível, sem todavia desaparecerem, aliás de accordo com a relatividade que a tudo preside. Crimes haverá sempre, porque sempre existirão criminosos, do mesmo modo que sempre existirão myopes, presbytas, cegos, coxos, bonitos, feios, louros, escuros, intelligentes, estupidos, etc.; e existindo criminosos, cumprirá tiral-os do convívio dos que o não sejam, afim de evitar que sejam estes perturbados por aquelles.

P. S. - ANARCHIA sempre signifi-ca *falta de governo*. José Oiticica, porém, acrescenta: «... é esse governo *trust*, desse governo patrão. Não quer dizer, porém, falta de direcção».

E dia mais o illustre anarchista que o accordo mutuo serve *para dirigir os servios* necessários á vida commum.

E quem DIRIGE não orienta, não imprime o seu modo de ver, não GOVERNA, em uma palavra?

Ora, graças que os meus artigos - perdõem-me a immoestia - sempre servirão para alguma cousa!

ANARCHIA não quer dizer mais - falta de governo - e sim governo differente do que ahí está.

Hem dizia eu - os anarchistas estão de accordo commigo.

P. C.

... 80 mil réis por dia, são dois contos e quatrocentos mensaes, quarta hospedes da minha pensão a 2005 cada um, são oito contos e fóra os ovos das galinhas que deixo no meu quarto...

**Junqueira**  
... Dizem que sou o mais feio da Camara. E o Lebon Regis, Eugenio Muller e o meu collega Bressane, onde ficam? »

**Augusto de Lima TROCADILHOS**  
- Gosto muito do Freire...  
- E' um deputado feliz e bello.

**Augusto de Lima** falou sobre a Reforma do Ensino.  
- E' Lima que n'ella trina.

**INDISCRICÕES**  
Dizem que a pensão Abrantes vae passar a chamar-se Ribeiro Junqueira.

- O venleiro que móra perto do Bressane sabe de cór todos os annes da Camara.  
- Ora essa, pois a mais de quarenta annos que elle os compra á 200 réis por kilo.

- Então, Serapião, ainda não queira ser deputado?

- Não, desde que fui promovido a continuo não mais pensei n'isto. Não se soffre os ataques da imprensa...

**DESMENTIDO**  
Não foi o deputado Senna Figueiredo quem concedeu aquella entrevista a respeito da retirada do sr. Bias Fortes da Política.  
Foi o sr. Senna Figueiredo, pharmaceutico em Barbacena.  
Está desmentido.

**Congresso Anarchista Sul-Americano**  
Conforme estava anunciado, teve lugar na segunda-feira a sessão de abertura do *Congresso anarchista Sul-Americano*, á praça Tiradentes n.º 71, zilleira e de outras associações operarias. Seguiram-se mais duas sessões, nas the-dias 19 e 20, em que se discutiram temas importantes. No nosso proximo numero daremos detalhada noticia de tudo quanto occorreu nesse congresso, durante as suas sessões.

# Congressó Internacional da Paz

E reuniu-se, no Rio de Janeiro, o Congresso Internacional da Paz, convocado pela Confederação Operária Brasileira. Não teve solenidades pomposas e desnecessárias. Foi uma reunião séria de homens ardentemente animados do desejo de contrapor a guerra e as suas consequências um dique de vontades revolucionárias.

**Guerra à guerra!**

Este grito pôde causar estranheza aos que confundem o «pacifismo» burguez, sentimentalista, incoherente, inconsequente, e a paz que os revolucionários sociais reclamam. Estes querem uma paz real, só possível como effecto de um entendimento directo entre as classes produtoras de todos os paizes. Ora, um tal entendimento tem que ser realizado contra a vontade das classes dirigentes da sociedade-revolucionariamente, portanto. E a guerra dos trabalhadores contra os patrões, dos pobres contra os monopolizadores das riquezas, dos libertários contra o Estado.

Quando os interesses eminentemente pratico e realista, partiram os debates e as conclusões do Congresso que acaba de reunir-se.

Como se verá pelo resumo, que adiante damos das suas sessões, em duas partes se dividiram os trabalhos da importante conferencia: os de ordem moral, com as declarações de princípios a respeito dos conceitos guerreiros, nacionalistas, patrióticos, militaristas, estatutas, e os de ordem propriamente pratica, os passíveis de immediata realisação.

Pôde concretizar-se uma impressão geral do Congresso nesta phrase: foi um facto acima da expectativa.

Com effecto, ninguem contava com representações numerosas do exterior, e isto devido ás terribes circunstancias do momento. Pois, apesar de tudo, apesar de todos os maus augurios, o Congresso se reuniu, e o entusiasmo e a confiança demonstrados pelos que nelle tomaram parte valem por uma affirmação eloquente de que o pendão do internacionalismo continua sendo empenhado pelo proletariado revolucionario e de que os militantes anarchistas não só confiam na efficacia da sua acção como se acham promptos a isso, promptos a desenvolver toda a sua actividade de rebeldes contra o tremendo flagello da guerra.

Uma grande campanha internacional se vai iniciar contra o inaudito crime da burguezia. Uma comissão para tal fim se estabelecerá no Rio e daqui se estenderá por toda a America e os paizes neutros da Europa o plano geral da formidable campanha.

Riam-se embora os scepticos e os desfidados... Os homens que são hodiernamente gritos e rebeldia... Recolhei o riso... E o riso se desfará e transformará num esgar de surpresa e de terror... Guerra à guerra!

## 1.ª SESSÃO

Depois de aberta a sessão por Antonio Vicitte, membro da comissão organizadora do Congresso, e da leitura do relatório apresentado pela referida comissão, foram nomeados, respectivamente, para presidente, secretario do expediente e secretario de actos, Orlando Lopes, Astrogildo Pereira e Santos Barboza, estes dois últimos até a terminação do Congresso.

Foi então procedida a leitura das seguintes

## CREDENCIAIS

União Geral da Construção Civil, Rio—Delegados: Abilio Lobo e Antonio Maranhão; Grupo Anarchista Renovado, Santos—Manoel Campos; Federação Operaria de Pelotas—Antonio M. Corrêa e Santos Barboza; Sindicato de Offícios Varios, Rio—Antonio Vicitte; Sindicato dos Sapateiros, Rio—José Caetano; Grupo de Propaganda Anarchista, Niteroy—Arlindo Drummond, André Ribeiro; Centro dos Chauffeurs, Rio—Antonio da Costa Moreira; Centro de Estudos Sociais, Rio—Orlando Corrêa Lopes; União do Livre Pensamento, Rio—Leal Junior; Sindicato dos Operarios das Pedreiras, Rio—Joaquim de Oliveira e José Ferreira Ribeiro; Na Barricada, J. Gonçalves da Silva; Sindicato dos Canteiros das Pedreiras de Ribeirão Preto, S. Paulo—Moreira Busto; Sindicato dos Operarios Dançarinos, Rio—Antonio de Souza e Constantino Manuelheiro; União dos Operarios Tamarqueiros, Rio—Antonio Gaspar e Alvaro Cordeiro; Associação Irmãos Artistas de Juiz de Fora—Valentim de Britto; Centro Feminino Jones Ideologistas, S. Paulo—Maria Antonia Soares; Liga Federal dos Empregados em Padaria, Rio—Antonio de Oliveira e Fernandes Carvalhães; Centro Feminino de Oliveira; Centro dos Operarios Marmaristas, Rio—Manoel Moreira e Francisco Moraes; Associação Universidade Popular de Cultura Racionalista, S. Paulo—Florentino de Carvalho; União dos Empregados Barbeiros e Cabeleleiros—Antonio L. de Almeida, Lourenço Bento e Antonio Sanchez; União Anarchista Comunista da República do Sul, Portugal—M. Campos; del IX Congresso—Baptista Argentina Silva; Federação de Resistencia das de Oliveira; Federação Operaria de Alagoas—Luiz A. de França; Federação Operaria Regional Argentino del V Congresso, La Protesta, La Rebelion, Federación Obrera Local Bonaerense, Ateneu Racionalista de Vila Crespo, Comité Pro-Pressos e Desportos, Liga da Educacion Racionalista—Apolinero Barrera; Grupo Iconoclasta, Pelotas—Pedro Bischoff e S. Barboza,

O Centro Operario de Jahú, S. Paulo, por telegramma, nomeou seu delegado junto ao Congresso, Astrogildo Pereira.

Várias adhesões pessoais, do interior, por cartas e telegrammas, recebeu o Congresso.

## A ORDEM DO DIA

**Meios mais efficazes para fazer terminar a guerra europa.**— Propoz Barrera que os delegados apresentassem proposições sobre o thema a discutir, no caso da commissão organizadora o não ter feito, o que foi accedido, propondo Mansilla, logo a seguir, que fosse nomeada uma commissão para organizar a ordem dos temas, sendo indicados e accetitos Leal Junior, F. de Carvalho e M. Campos.

Barrera quer saber se existem meios precisos para imposição solida a guerra actual. E de parecer que, o boicote, por exemplo, sendo parcial, isto é applicado aos productos, etc., dos aliados, não surtiria effecto desejado... que se procurasse, pois, uma acção mais pratica.

Mansilla, num bello discurso, falla da reorganização da Associação Internacional dos Trabalhadores, realizada numa sessão clandestina do Congresso de Ferrol; da pressão que poderá fazer o operariado da America do Sul, unido ao operariado europeu, e neste continente for creada uma secção da mencionada associação. Que seja, pois fundada a Confederação Operaria Sul Americana, cuja iniciativa poderá surgir dum congresso Operario Continental.

Tem consciencia de que a conflagração europa se deve em parte ao desequilíbrio do proletariado, particularmente dos paizes em guerra, mais capaz de seguir para a guerra, do que fazer valer os seus direitos e evitar o flagello.

F. de Carvalho é de opinião que o Congresso da Paz, apenas influir no animo dos povos neutros. Combate vigorosamente a acção dos sacerdotios, das igrejas, que, ao contrario dos anarchistas, que lutam pela estabilidade da paz, procuram antes tirar todos os proventos possiveis da actual contenda, em seu beneficio exclusivo, contribuindo do desarte para a conservação do grande crime.

Apresenta ao Congresso uma moção prene de brilhantes considerações libertarias, e que termina com os seguintes themas, que, após varios debates, foram addidos para a 2.ª sessão:

- 1.—Aconselhar (o Congresso) ás sociedades operarias, centros socialistas e os anarchistas a realizarem uma activa propaganda em favor da greve geral universal, em signal de protesto contra uma necessidade de salvação publica e indispensavel para o restabelecimento da paz, o boicote e o sabotage, a todas as empresas ou patrones que contribuem para sustentar a guerra.
- 2.—Promover manifestações em todos os centros populares, especialmente contra as chancellarias dos Estados em guerra.
- 3.—Dirigir um apello aos representantes dos partidos socialistas e das sociedades operarias nos parlamentos ou municipalidades de todas as nações, no sentido de se solidarizarem com o protesto contra a guerra, abandonando os seus postos e venham realizar entre o povo a propaganda em favor da paz, em favor da revolução social.
- 4.—Declamar que são contrarias ás liberdades dos povos, ao bem estar da humanidade e do progresso, todas as idéas e doutrinas, todas as igrejas, inclusive a catholica, a magonica e a positivista.
- 5.—Que o principio das raças, das patrias e das nacionalidades servem de alicerce ao regimen do capitalismo e aos privilegios dos senhores da riqueza e do poder.
- 6.—Que entre os povos deve vibrar com toda a intensidade a solidariedade universal.
- 7.—Que as diversas philosophias, doutrinas e escolas metaphisicas, bem como as positivas ou materialistas que defendem ou toleram o regimen da desigualdade e da guerra, das instituições e absurdos principios que lhe dão vida, constituem vicios que produzem aberraciones mentales, dos povos, e, portanto, devem ser banidos do scio da humanidade, a bem da saúde das gerações presentes e futuras.

O 4.º thema mefeceu varios debates, tendo contra elle votados diversas delegações.

Ficou evidenciado o quanto é impossivel a propaganda nas trincheiras, bem como conseguir-se dos trabalhadores em armamentos bellicos dos Estados Unidos, ou de outro qualquer paiz a recusa de executarem tal serviço.

Valentim de Brito préga a revolução contra a guerra.

Outras discussões são estabelecidas, reinando, porém, entre os congressistas a maior cordialidade, o maior entusiasmo, o mais resolutivo interesse em fazerem boa obra de luta contra a obra da burguezia sanguinaria do velho e do novo mundo.

A sessão, que foi aberta ás 20 horas, terminou á meia noite.

## 2.ª SESSÃO

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, lido o expediente e feita a chamada, Orlando Lopes solicitou da assembléa a nomeação de outro presidente, sendo nomeado Leal Junior.

Foi approvada a moção Florentino e respectivos themas, depois de lidos e submettidos a discussão um por um, depois concisamente debatidos, tendo o

5.º merecido uma ligeira ampliação: a palavra povos substituida pela de povo.

Muitos congressistas dirigem a mesa uma bem elaborada moção sobre a organização da secção sul-americana da Internacional e outra de Mansilla e Vicitte relativa ao Congresso da Paz, que a Federação do Trabalho Norte-Americana projecta levar a effecto no paiz em que se reuna a diplomacia para tratar da paz.

Primeiramente, porém, é posto em discussão o 1.º thema dos apresentados pela respectiva commissão: **Organização e orientação das classes proletarias.** A moção sobre a Internacional é accetida como conclusão deste thema.

Discutido o ponto primeiro da moção, o Congresso deliberou que o Comité de Relações Internacionais funcione nesta capital.

Estabelecem-se debates.

A moção Florentino e também considerada e accetita como conclusiva do 2.º thema: **Autonomismo e militarismo.**

O delegado Barrera crê necessaria uma declaração do Congresso a respeito, propondo-se o delegado Astrogildo apresentar uma moção na sessão seguinte.

E' approvada uma moção do mesmo sobre o thema:

## Independencia do professorado e necessidade do ensino racionalista.

E foi encerrada a sessão, ficando egualmente para o dia seguinte a moção Vicitte-Mansilla.

Eis a moção sobre a Internacional:

Considerando:

Que a melhor forma de materializar os sentimentos, idéas e propósitos de solidariedade internacional que inspira a acção constante do proletariado que se organiza em todos os paizes para desenvolver uma acção simultanea de defeza e conquista e das trocas reciprocas de relações e uniformidade de métodos que destrúa o espirito corporativo e localista;

Que isto traz por consequencia um melhor entendimento da força proletaria e por tanto uma maior possibilidade de destruir os planos reaccionarios da burguezia e do Estado; favorecendo o desenvolvimento progressivo do movimento de emancipação organica e politica dos trabalhadores e impossibilitando as luctas provocadas pelos interesses do capitalismo; e do Congresso de Paz convocado pela Confederação Operaria Brasileira de accordo com as resoluções do Congresso effectuado em Ferrol, tendente a reorganizar a Internacional com uma ampla declaração de principios e interpretando o desejo dos trabalhadores da America do Sul e da Operaria Regional Argentina, 2.º Congresso da Confederação Operaria Brasileira e bem assim pelas organizações do Uruguay e Chile.

## Resolve:

- 1.— Crear um Comité de relações internacionales, com sede no Rio.
- 2.— Que este Comité recolha dados e informações sobre o estado actual das organizações dos paizes Sul Americanos e os remetta aos syndicatos existentes convidando-os a resolver em congressos (locaes) regionaes a conveniencia de realizar o mais breve possivel um Congresso Internacional Sul Americano, para constituir a Confederação dos trabalhadores deste continente, afim de acelerar a organização da Internacional de todos os paizes do mundo.
- 3.— Que o Comité se encarregue de formular o projecto de um pacto de solidariedade sobre o qual se baseará o funcionamento da futura Confederação.

Baptista V. Mansilla, por la Federación Obrera Regional Argentina.

Antonio F. Vicitte  
Leal Junior  
Manoel Ferreira Moreira  
Santos Barboza  
Antonio Costa  
José Ferreira Ribeiro  
Joaquim Lourenço de Oliveira  
Fernando Carvalhães  
Constantino Machado  
Antonio Sanchez  
Valentim J. de Brito  
Manoel G. Oliveira  
Alvaro Cerdeira  
José Caetano  
Mario Nelson Belem  
Arlindo Drumond.

eram 20 horas quando foi dada por aberta a sessão.

Lida e aprovada a acta, após a leitura do expediente, e a nomeação do delegado M. Campos para encaminhar os trabalhos, entrou em discussão a moção Mansilla-Vicitte, deliberando o congresso, depois de longos debates, da-lhe como reprovada.

A moção propunha que as associações operarias revolucionarias tomassem parte no projecto Congresso da Paz e que até á realisação do mesmo não fossem effectuados quaesquer congressos identicos.

Foram aprovadas duas moções de Astrogildo; a referente ao serviço militar obrigatorio e outra sobre a nova Internacional.

Foi também approvada, depois de discutida, outra moção de Orlando e Astrogildo, combatendo a intervenção estrangeira no Mexico, isto em virtude do officio dirigido á C. O. B., pela Confederação de Syndicatos Operarios Mexicanos.

Orlando Lopes produziu uma breve allocução sobre a revolução social no Mexico.

Ficou deliberado que o Comité de Relações Internacionais seja composto por 5 membros nomeados pela C. O. B. e um de cada federação operaria deste continente.

Para o primeiro domingo de fevereiro de 1915 convocou o congresso um grande comicio internacional contra a guerra.

E com entusiasticos vivas á Internacional dos Trabalhadores, seguidos da primeira estrophe e estribillo d'«*Internacional*», terminou ás 23 horas a grandiosa assembléa revolucionaria.

o congresso adheriram mais: *Avanço*, jornal socialista de S. Paulo; Centro Socialista Internacional, da mesma cidade; *Allgemeine Arbeiter Verein*, idem, que, já no final, enviou ao congresso uma vibrante saudação. *A Luminaria*, jornal anticlerical, idem; União dos Tecelões Mechanicos do Porto, Portugal. *Ateneu Syndicalista de Ronda, Hespanha*, e também á ultima hora, a Federação Operaria do Rio G. do Sul, nomeando delegados S. Barboza, Antonio M. Corrêa e João Luenroth.

## O COMICIO

Convocado pelo congresso, effectuouse no largo de S. Francisco, um meeting de protesto á guerra, no qual, além de José Elias da Silva, representante do C. O. B., fallaram os delegados de Portugal e Argentina.

F. de Carvalho leu uma energica moção, delirantemente approvada pela multidão que não cessava de aplaudir os oradores.

Era já noite quando enorme massa popular, ao som da International, se dirigiu á sede da Federação Operaria, onde ainda se fizeram ouvir outros discursos, dentre elles o de um ex-militar, hoje rebellado contra a instituição da morte.

Palmas estrepitosas, vivas communicativas, muito entusiasmo, e estava terminada a manifestação.

Durante as sessões do congresso, a sede da F. O. R. J. conservou-se repleta de assistentes, que não resgataavam applausos aos congressistas que discursavam.

## MOÇÃO DE PROTESTO CONTRA A GUERRA

Considerando que a guerra é o maior crime de lesa-humanidade, mormente nos ultimos seculos, durante os quaes o progresso da agricultura, da industria e das sciencias naturaes multiplicou a riqueza, possuindo cada povo elementos sufficientes para a satisfação das suas necessidades;

que a guerra obedece ás ambições dos capitalistas e dos politicos que procuram agambicar a maior somma de riquezas e de poderes d'scricionarios, tratando os seus dominios e monopólios, como a propriedade privada dos individuos, e que, para realizar esta iniquidade, emprega-se um processo monstruoso, a matança e aniquilamento da melhor das especies e dos typos mais aptos desta especie, verificando-se uma selecção á inversa;

que os elementos provocadores dos conflictos entre os povos concretizam-se nos barbaros e injustos principios basicos das instituições religiosas, militares ou civis, burocraticas ou democraticas, entre as quaes se destacam o capitalismo, o militarismo, o funcionalismo e o clericalismo, inclusive a imprensa, esse novo Estado, cuja função consiste em destruir nos seres humanos todos os sentimentos de dignidade e de fraternidade universal;

que o regimen qui supportamos encontra-se fóra das leis naturaes, realizando uma obra de destruição de todas as verifcantes energias do povo, sem solução de continuidade;

que o progresso natural e racional só é possivel pelo trabalho, pela equality de condições e pelas harmoniosas relações de uma nova sociedade baseada nos principios libertarios;

que a ausencia de revolta contra a burguezia e os seus elementos de exploração e de guerra equivale a uma affirmação de solidariedade com as classes burocraticas e delinquentes;

que a falta de idéas de liberdade e de justiça mantem as classes proletarias e laboriosas sob a canga da escravidão passiva, voluntaria e aviltante;

que a emancipação da humanidade só é possivel pela educação das classes proletarias nos ideaes de reivindicacão social e por uma rebellião permanente contra a tyrannia e a exploração;

O povo, reunido em comicio publico internacional, resolve:

- 1.º protestar contra a guerra, contra a militarização da infancia e da juventude.
- 2.º realizar uma campanha tendente a fazer desapreccer da mente e do coração do proletariado os prejuizos hierarchicos, religiosos e nacionalistas;
- 3.º promover uma revolta permanente até á destruição dos ultimos vestígios das videntes instituições;
- 4.º declarar que as suas aspirações se concretizam nos mais elevados ideaes tendentes á consecução de uma revolução de caracter social, afim de que se inicie, com a brevidade possivel, um verdadeiro estado de progresso, de liberdade e de civilização universal.

Abaixo a guerra!

Viva a solidariedade dos trabalhadores de todo o mundo!

Viva a revolução social!

-----

## A collecção dos 10 primeiros numeros de «*Na Barricada*».

esta redacção ao preço correto, a 2.000 réis.

-----

# PROLETARIADO MILITANTE

## A questão dos chauffeurs A greve dos motoreiros

Agitam-se novamente os conductores de vehiculos desta capital, que está na imminencia de uma greve geral desta classe.

Ocorreu o que fóra previsto, quando terminou a greve ultima dos *chauffeurs* com a modificação do monstruoso regulamento da policia.

Passado o perigo, eis que a policia restabelece os artigos que supprimita e volta a exercer a mais injusta das perseguições á classe dos conductores de vehiculos.

Semore fomos de opinião que os *chauffeurs* erraram quando se separaram por motivos que não queremos examinar, dos padeiros em greve, para resolver o seu caso independentemente daquela classe.

Tivesse havido um pouco mais de harmonia entre os grevistas e o governo teria podido ser feita a reconciliação dos *chauffeurs*, como os proprietarios de padarias aos reclamos dos seus empregados.

Mas, é assim mesmo que se dão as agitações entre os operarios. O movimento em quanto é desordenado e não o preside um sentimento forte de solidariedade, fracassa, ainda que nunca os esforços despendidos sejam perdidos.

Ja agora é toda a classe de conductores de vehiculos que se movimenta contra a tyrannia da policia, que será obrigada a recuar dos seus seus despoticos propositos.

A questão dos *chauffeurs* foi claramente exposta nas columnas de «*Na Barricada*» pelo nosso collaborador M. Coelho, que em uma serie de brilhantes artigos pôz a nu todas as infamias da policia contra os seus companheiros de classe. E as suas previsões se vão realizar mais cedo do que se poderia pensar.

A policia trata os conductores de vehiculos desta cidade como verdadeiros malficores, submettendo-os a um regulamento de excepção.

Para que o publico possa julgar da justiça que assiste aos conductores de vehiculos desta cidade, basta citar a seguinte disposição que a policia acaba do por em pratica:

«*Anda nos casos em que o conductor de vehiculo exhiba certidão provando estar a fiançado, deve ser cassada a carteira de identidade e enviada immediatamente ao Gabinete de Identificação e Estatística, não lhe sendo licito exercer a profissão senão depois de definitivamente julgado o processo a que responder, e, por isso, lhe fór restituída a carteira de identificação.*»

O medico, o advogado, o engenheiro, o pharmacutico, e qualquer profissional, continua a exercer a sua profissão, a exercer a sua função, a exercer o seu oficio, e o conductor de vehiculo, porém, segundo a disposição acima, muito embora seja absolvido no processo a que responder, terá soffrido a pena de perda do título de habilitação, que obteve mediante um exame e, por consequencia, terá sido privado de trabalhar.

Estupendo esse regulamento!

E o interessante é o tom arrogante da policia, quando ameaça o conductor de vehiculos com a affirmativa de que está perfectamente apparelhada para impedir qualquer excesso que, porventura, em caso de greve, possam praticar os grevistas!

De modo que a policia viola todas as leis, viola os mais elementares preceitos de justiça, arvor-se no direito de previamente condemnar um individuo sujeito a um processo em que se vae decidir da sua culpabilidade, e ameaça a quem reclama contra essa monstruosidade com a repressão violenta de qualquer excesso que possam os grevistas praticar!

Imbecis!

Hontem, os enganados foram os *chauffeurs* e os carroceiros, hoje a estas duas classes se reünem os demais conductores de vehiculos. E, se hontem a policia foi obrigada a ceder, hoje que o movimento tende a se generalizar e a experiencia já demonstrou o que vale a palavra do governo, é claro que as ameaças da policia só podem causar riso.

## As miserias da Estrada de Ferro Central

Parece inacreditavel o que se passa na Estrada de Ferro Central do Brazil. O sr. Arrojado Lisboa, apauçado de reis politticos mininos, tem praticado all as maiores violencias e bandeiras de que é capaz um individuo incompetente e desonesto.

Tendo entregue a direcção da Estrada a um grupo de malandrinis, sancionou todas as asneiras e violencias praticadas pelos seus prepostos, e quando as victimas recorrem para o ministro, este tranca os papeis e deixa o tempo correr.

Nem outra coisa era de esperar dum ministro do estofio moral do conhecido Tavares de Lyra:

O sr. Arrojado Lisboa, antigo traficante da Inspecção da Secca, cuja obra no Ceará, á despeito dos milhares de contos que all gastou com aquédes Impres-taveis, fól tão boa que os pobres cearensees estão peço do que estavam, demitte injustamente pobres funcionarios com longos annos de serviço, accusando-os de crime imaginario e estes não encontram a menor protecção da parte do seu superior hierarchico!

Pelo mesmo crime imaginario, suspende funcionarios que não pode demittir o pede ao ministro que os demitta.

Terminado o tempo da suspensão, os funcionarios se apresentam e elle não os admite ao trabalho!

O ministro não ata nem desata e os pobres perseguidos sem pão para darem á familia, não terão ainal outro recurso senão apellar para a violencia, porque

esta, em ultima analyza, é o n'istivo meio de desagrarvo para os que não encontram justiça.

Empanto soffrem os perseguidos, o ministro tráfca, o sr. Arrojado tráfca, dando á casa Fonseca, Machado & C., de que é socio, grandes fornecimentos de carvão, sem concorrência, porque Fonseca, Machado & C., commerciana com instrumentos de engenharia!

Que director, que ministro, que canalhas!

E não ha um movimento de dignidade por parte desse immenso pessoal da Central!!!

## S. U. dos O. Estivadores

Trabalhadores, despertai! Companheiros, em passo que já chegou ao vosso conhecimento que existe nesta capital um jornal operario cujo nome é «*Na Barricada*» e que se destina a tratar dos interesses dos trabalhadores.

Porque nós, tendo um jornal para tratar do que nos diz respeito, o abandonamos? Devemos contribuir com o nosso esforço intelectual e material para a existencia do jornal?

os nossos direitos, o que necessitamos fazer em primeiro logar? A propaganda por meio de um jornal em nosso meio, até que, convictos e animos, possamos exigir da burguezia a satisfação dos nossos direitos conspurcados. Devemos despertar esta lethargia em que nos mantemos, porque sobre nós está o olhar prescrutador da agnia burguezia, que nos espreita para, na melhor occasião, lançar o seu bote, conduzindo-nos ao estado primitivo de verdadeira escravidão. E sendo assim, não devemos dormir, se queremos que se realize o que disse o grande Carlos Marx «*a emancipação do trabalhador há de ser obra do proprio trabalhador*»; e como, de accordo com a evolução social, surgen a cada momento obstaculos que é preciso vencer, urge despertar e desde já cogitar da conquista dos nossos direitos. Lembro aos companheiros: que têm conhecimento do movimento operario que sobre nós peza mais responsabilidade do que sobre aquelles que, por haverem sido os seus antepassados espoliados nos seus direitos, não conseguiram, infelizmente, conhecer o motivo porque chamam a nós os trabalhadores de «*Plebe*». (Continúa).

## Sociedade de Resistencia dos Trabalhadores em Traphicos de Café

Companheiros: Confiado na benevolencia que caracteriza a illustrada direcção do intemerato jornal «*Na Barricada*», venho por suas columnas dirigir-vos a palavra numa serie de artigos (se artigos se podem chamar), que pretendo publicar, dando lhes inicio pelo que se segue.

## R. de CASTRO

gridem, dizia Castelar. Tal pensamento attinge-nos a nós outros de perto, pois sealguma vez lutamos e obtemos algumas melhoras, estacionamos nos logros dessa victoria, como se já tivéssemos alcançado a nossa completa emancipação, numa indiferença e inação criminosa, parecendo-nos perfectamente com os anjos das lendas, os quaes, depois de fazer a sua trajetoria pela terra, virem na córte celestrial, adorando o Padre Eterno, alimentando-se todas dos fructos dos seus delirios e ociosidades. Tal tem sido infelizmente a nossa attitude de tempos a esta parte, abandonando a luta pela existencia e ainda mais a luta de classes a que a burguezia lançou as classes produtoras de todo o mundo. Como sabeis perfectamente, onde não ha luta não existe vida, pois é esta uma consequencia daquella. Se quizermos observar os movimentos dos planetas que habitam o nosso systema, havemos de verificar que vivem da mesma luta que o nosso, e dessa luta lhes veem a harmonia que observam. Por um segundo que cesse a luta num dos corpos celestes, este desaparece na immensidade do infinito. Se a luta que observamos é scientifica, philosophica, artistica ou fraterna, isto pouco importa. O que é facto é que a luta nos rodeia.

Quando ao nosso mundo, além da luta pela existencia, desencadeia-se neste momento a luta de classes mais desenfreada. O animal mais perfeito, o homem, com a sua miseravel civilização, distancia-se desmesuradamente dos seus ascendentes, desde o mais infimo insecto aos nossos animaes domesticos, dividindo a humanidade em duas classes bem distinctas: uma de reis, presidentes, ministros, deputados, magistrados, militares, frades, commerciantes e industrialis, com os seus respectivos intermediarios, os quaes, sem nada absolutamente produzir, se chamam no entanto os donos e senhores de toda a riqueza social, das aguas, das terras, dos instrumentos de trabalho, das artes, das sciencias, das industrias, do commercio e até da vida daquelles que produzem e produzem toda a nossa riqueza social; a outra classe é formada pela falange de trabalhadores mundiaes que, produzido tudo com o suor do seu rosto e do seu esforço muscular, sempre vilipendiados e aqueinhados em seus direitos, nada lhes sendo permitido—não ser morrer de fome ou agarrado a uma calutra de caubão, massacrando trabalhadores como elles, de quem nenhum mal receberam em nenhuma época da historia.

Tal é a luta de classes e castas estabelecida no seio da humanidade. Aos que lutam com valor e energia sorrilhes a vida e dellés será o futuro, deixando aos seus descendentes, em logar de tyrannia e oppresão, liberdade, fraternidade e justiça. Numa palavra: lutar é viver.

Companheiros, é necessario definir-se a situação: ou somos privilegiados e parasitas ou então somos opprimidos e litamés para nos libertar. De duas uma: burguezes a um lado, proletarios a outro. Sois trabalhadores? Não tendes mais meios de vida que aquelles que vos fe-

-----

neca a força muscular? Sa responsável afirmativamente, faz parte integrante das classes dos desprotegidos e sós cellas do grande organismo operário mundial, e como taes sois chamados a lutar, a aceitar a luta a que a burguezia vos lança, ou a morrer. Tal é o dilema em que nas collocou a nossa situação de opprimidos. A victoria será dos fortes e destes dependerá o futuro dos nossos filhos, pois o maior legado que lhes podemos deixar quando desapareçamos do scenario da vida são a liberdade, a fraternidade e a justiça. Os fracos e indelicados succumbirão por causa da sua criminosa indiferença.

Para tal luta é necessário que os trabalhadores se associem em sociedades de classe, como a nossa e outras muitas que já existem, pois das sociedades de resistência depende o futuro dos povos. Se não temos horário, salários e preço de trabalho expulados a sa nos fazemos respeitar, é porque submosos lutar. As nossas greves, as nossas victorias, e a imperiosa necessidade da fundação da Federação das sociedades marítimas constituirão a materia do artigo seguinte.

JOSÉ A. DE CASTRO

### RECONSTRUINDO

Chegando ao meu conhecimento um facto sobre modo inedito nas classes de que se compõe a União Geral da Construção Civil, que muito depõe contra o pacto de solidariedade que deveria unir todo o proletariado e principalmente essas mesmas classes, lembrei-me de fazer um pequeno estudo sobre as causas que o determinaram.

O caso é este:

O senhor Vieira Lima, constructor com officina na Rua Nova n. 5 (Aldeia Campista) contra todas as praxes explorativas, até agora adoptadas, exige que os pintores a quem dá trabalho levem toda a ferramenta precisa para o serviço, isto é, brochas, pinceis, escada, etc. etc., pagando-lhes a vantajosissimo salario de 4\$000 diários; o horário é das 5 h 15 da manhã ás 6 h 15 da tarde. Convem accentuar que o operario por esse senhor mantido como encarregado do serviço, não só o ajuda nessa exploração como é mesmo o que o insinua para assim proceder.

E sabido que na greve geral declarada em 1905 e que deu origem á fundação da União dos Estivadores, algumas classes tiveram um pouco melhoradas as suas por demais precarias condições; dentre estas desde logo se destacaram, pela violação dos methods adoptados na luta, os pintores e estivadores. Aquelles tiveram melhorado o horario de serviço, e estes o horario e augmento de salario.

Todas as outras classes que se mantiveram num taí qual inercia, tiveram o desprezo de ver perdurar para ellas o mesmo estado de coisas anterior.

Posteriormente os pintores deixaram se adormecer sobre os louros da pequenissima victoria obtida, e passaram a sonhar com o passado, descurando por completo o presente e o futuro.

Os senhores constructores, sempre a cata de um momento opportuno para voltar ao anterior estado de coisas, não se fizeram de roçados e aproveitando-se da criminosa inercia dos principaes interessados, não só voltaram ao anterior estado de coisas, como foram mesmo muito mais longe, ultrapassando o antigo regimen, adoptando horarios que representam a mais ignobíl exploração, pagando inflimos salarios, sob a alegação de que a crise não lhe permite pagar outros mais elevados, declarando assim implicitamente que elles não se podem privar da minima parcela de conforto; e entendendo que o operariado não tem o mesmo direito a vida, que elles teimam em manter o principio de que é sempre possível reduzir o salario aquelles que nem mesmo conseguem o necessário para a sua alimentação, ao mesmo tempo que se arrogam o direito de augmentar o já de si gordos proventos que antes auferiam, producto da mais desenfreada exploração exercida contra nós, miserios parias da sociedade actual, segundo o seu modo de ver.

Eis o resultado advindo as classes da Construção Civil devido a sua inercia. A par disto vemos os estivadores sempre fortes e cohesos, não se arredando uma linha da sua norma de conducta, e conservando, por isto mesmo, intactas todas as melhorias antes conquistadas.

Egualmente vemos os trabalhadores de Trapiches e Café que, pela violencia com que empredenderam a luta em prol das suas aspirações, algo conseguiram nesse sentido; e pela sua intransigencia (apesar dos esforços empregados por alguems no sentido de tornar de nenhum effeito as conquistas por elles effectuadas) tem-nos sabido conservar intactas.

Fica assim patente o erro em que tem incidido a maioria do operariado.

As greves pacificas são de resultados duvidosos senão contraproducentes, ellas devem ser revolucionarias, extremamente violentas e continuas, de forma a evitar todas e qualquer reacção por parte dos interessados, devendo nós estar sempre de sobre aviso para annular qualquer tentativa nesses sentidos.

Rio, Outubro de 1915.  
 ABILIO LOBO  
 Rua Angelina, 116 — Piedade.

### A Voz do Padeiro

Boletim semanal do Grupo Emancipação dos Padeiros.

### Liga Federal dos E. em Padaria

#### EXPEDIENTE:

Deu entrada na secretaria um requerimento do associado Albano de Miranda Pinto, que será apresentado na proxima assemblea e é assim concebido:

«Albano de Miranda Pinto, matricula 187, requer que lhe seja dada demissão

de socio, pelos motivos que passá a expôr: E' gerente e interessado n'um estabelecimento de padaria, á rua Goyaz 150. Nestas condições, despeço-me dos camaradas, continuando no entanto a manter as minhas ideias de camaradagem.

ALBANO DE MIRANDA PINTO  
 Encantado, 13-10-1915.

Convidam-se as comissões executivas para se reunirem amanhã ás 7 horas da noite, afim de serem passados os respectivos cargos.

— Pede-se aos companheiros em atraso de suas mensalidades a quitarem-se, afim de se regularizar a cobrança.

— Do associado Durval M. Bandeira, morador á rua D. Ana Nery 222, recebem a Liga a carta que publicamos a seguir, por julgá-la interessante:

Rio, 16-10-1915

Senhor presidente; saudações.

Rogo-lhe a fineza de eliminar-me de socio visto os cobradores exigirem que eu o communique por escrito, o que ora faço, para não haver mais confusão. Proatifico-me a ser socio a qualquer hora, de minha livre e espontanea vontade, porém, actualmente acho-me muito sacrificado á vida, porque estivo tres mezes desempregado e ainda fui victima de um socio e amigo, portanto que não seja essa a base. Previno-lhe que não seja considerado socio até segunda ordem.

Sempre ás ordens.

Son Crdo. Mto. Obrdo.

DURVAL M. BANDEIRA

— No proximo numero deste jornal responderemos ao consocio Bandeira e na proxima assemblea será discutida a sua carta.

### Syndico dos Operarios Panificadores

#### EXPEDIENTE:

Na assemblea realizada na quarta-feira passada tratou-se, entre outros assumptos, da questão de pão quente nos bairros de Villa Isabel e Andaraí, sendo bastante concorrida a dita assemblea.

— Todas as quartas-feiras este syndico se renova em assemblea geral, por isso aviza-se a todos os companheiros que não faltem.

### O discurso do sr. Bilac

No seu já famoso discurso pronunciado em São Paulo, perante uma assemblea de academicos de direito, o sr. Olavo Bilac, que depois de velho se está tornando ermitão, estabeleceu a mais estranha theoria de quantas theorias estranhas se podem imaginar.

Entende o poeta do «Caçador de Esmeraldas», das alturas do seu lyrismo occulto, que o unico remedio salvador para este povo indolente e embrutecido está na... caserna.

Nada menos. Contra a crise de caracter nacional, esta panacea — o pau furado!

Ea acredita na sinceridade do sr. Bilac. A sua critica do momento psicologico é verdadeira, embora vazada numa forma demasiado litteraria, poetica, apostrophica, — o que não é de molde a convencer quem se não deixa levar por simpliciosos palavrorios, os mais rabiltantes e sonorosos palavrorios que sejam. E o seu gesto é o gesto de um desesperado, de um impotente, de um incapaz de attitudens renovadoras e vivificantes.

E' um gesto de cobardia. Reconhecendo a podridão ambiente, que tudo invade, que tudo corroe, que tudo empesta, o orador apella para o culto do sabre, acobardado diante da moral em pratica do prussianismo cynico e esmagador.

Ah! não, mil vezes não! Contra o descalabro de energias e da consciencia reinante, só uma solução existe capaz de focandaa e vitales transformações: um sóro idealista de revolta destruidora dos caducos e gastos valores sobre os assentam os organismos sociaes presentes. Destruir, revolucionar! — esta deve ser o grito dos rebeldos que ainda confiam na capacidade aperfeicoadora da energia individual e collectiva dos homens...

AURELINIO CORVO

### VRAÇOS REBELDES

Não somos patriotas porque a patria é uma formidável abstracção, cuja origem se firma no poderio do homem sobre o homem, tornando felizes a uns e infelizes a outros.

O patriotismo só pôde convir aquelles que delle extrahem proveito em sem bem estar exclusivo: magistrados, politicos, militarros, etc.

Para o povo o patriotismo não representa mais do que um flagelo latente, se bem que imperceptível para a maioria.

Assim como o bom patriota da alta roda percebe fabulosos ordenados, vive tranquiamente, bem dormido, bem alimentado, bem trajado e bem illustrado-se bem que pouco educado; o bom patriota da baixa roda, isto é, o proletariado ingenuo, vive amalegado pela fome e pela miseria, vê as urnas fazer mais felizes ainda os seus verdugos, e quando uma guerra é declarada veste uma farda immunda, empunha uma arma assassina e segue a caminho do campo de batalha a defender a patria, sem que, ao menos, saiba o que lá vai fazer, morrer sem saber porque, nem para quê.

Em nome da patria deixa o lar paterno, abandona paes, filhos e irmãos, deixa conseruada, a morrer de dor, a mãe querida, a noiva amada, os filhos estremecidos, expondo a vida em holocausto a um principio de sangue e morte, engendrado pelos grandes ladrões da alta finança, da industria e da governança, que não hesitam um só momento em fazer matar ou morrer os filhos do povo, porque os filhos da burguezia lá não vão.

Os grandes patriotas são geralmente grandes proprietarios, millonarios, gatuos clandestinos a quem uma intrusão extrangeira viria perturbar a digestão, cercadeo-lhes todos os bens que possuem e que foram conseguidos á custa do suor alheio.

Como havemos, pois, de ser patriotas? Não é por ventura a Terra um planeta commum, que o egoismo ladravaz do homem subildivia, creando a propriedade privada?

Não têm as religioes contribuido para a mantença do actual estado de coisas, pregando o patriotismo como um exemplo de abnegação popular, de humilhação e ignorancia que tanto lhes couvêr?

Porque não vão tambem os ricos pagar em armas para se defenderem da canibla extrangeira que lhes ameaça o que possuem e que nos foi roubado?

E' que o povo, embora não seja patriota, pensa que o é, e por isso não hesita em atirar-se numa furia animal, illogica, deploravel, contra si proprio, embarcando os passos das suas proprias aspirações, submetendo-se cada vez mais aos caprichos dos palhas do képi, de casaca e de batina, escravizando-se a si mesmo, sem medir os sacrificios inúteis a que o atria a burguezia vadia, sempre disposta a tyrannizar sem se preocupar com a sua proxima...

S. B.

### INDICADOR

#### CONFEDERAÇÃO OPERARIA BRASILEIRA

Sede da secretaria: Praça Tiradentes 71 (sobrado) — Expediente: todos os dias uteis, das 20 ás 21 horas.

#### FEDERAÇÃO OPERARIA DO RIO DE JANEIRO

Sede da secretaria: Praça Tiradentes 71 — Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

#### Syndicos federados.

1º. UNIÃO DOS ALFAIATAS — Sede: Praça Tiradentes 71 — Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

2º. SYNDICATO DOS SAPATEIROS — Praça Tiradentes 71 — Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

3º. LIGA FEDERAL DOS EMPREGADOS EM PADARIA — Praça Tiradentes 71 — Expediente: todos os dias, das 17 ás 21.

4º. CENRRO DOS OPERARIOS MARMORISTAS — Praça Tiradentes 71 — Expediente: todos os dias, das 19 ás 20 horas.

5º. LIGA INTERNACIONAL DOS PINTORES — Praça Tiradentes 71 — Expediente: todos os dias, das 10 ás 14 horas.

6º. SYNDICATO DOS ESTUCADORES — Praça Tiradentes 71 — Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

7º. SYNDICATO OPERARIO DE OFFICIOS NARIOS — Praça Tiradentes 71 — Expediente: todos os dias, das 10 ás 14 horas.

8º. SYNDICATO DOS PANIFICADORES — Praça Tiradentes 71 — Expediente: todos os dias, das 10 ás 14 horas.

9º. UNIÃO DOS OPERARIOS TAMANQUEIROS — Praça Tiradentes 71.

10. SYNDICATO DOS OPERARIOS DAS PEDREIRAS — Rua da Passagem 161 — Expediente: ás quintas-feiras, das 10 ás 21 horas. Sede da succursal: Rua Barão de Mesquita, 853 — Expediente: ás terças-feiras, das 10 ás 21 horas.

11. SOCIEDADE UNIÃO DOS ROQUISTAS — Rua do Hospício 150 — Expediente: das 7 ás 21 horas — Telephone 2744 Norte.

12. CENTRO DOS EMPREGADOS EM FERROVIAS — Rua do Hospício 71 — Expediente: das 8 ás 21 horas. Telephone 3252 Norte.

13. UNIÃO PROTECTORA DOS CATECHIZADOS — Largo de S. Domingos 4 — Expediente: todos os dias, menos a domingos, das 10 ás 18 horas.

14. UNIÃO DOS OFFICIAES DE BARBEIROS — Largo de S. Domingos 4 — Expediente: das 20 ás 21 horas.

15. CENTRO COSMOPOLITA — Rua do Senado 215 — Expediente: todos os dias das 13 ás 16 horas — Telephone 1499 Central.

16. SOCIEDADE DE RESISTENCIA DOS TRABALHADORES EM TRAPICHES E CAFÉ — Rua Municipal 9. Expediente: durante todo o dia — Telephone 1015 Norte.

17. SOCIEDADE UNIÃO DOS ESTIVADORES — Rua do Acre 10 — Expediente: durante todo o dia — Telephone 2631 Norte.

18. ASSOCIAÇÃO DE RESISTENCIA DOS CARROCEIROS COCHEIROS E CLASSES ANEXAS — Rua Marquês de Pombal 41 — Expediente: durante todo o dia — Telephone 4101 Norte.

19. ASSOCIAÇÃO DOS MARINHEIROS E REMADORES — Rua Conselheiro Zacharias 66. — Expediente: todos os dias, das 7 ás 20 horas — Telephone 2269 Norte.

20. ASSOCIAÇÃO DE RESISTENCIA DOS TRABALHADORES EM CARVAO E MINERAL — Avenida do Caseo do Porto 85 — Expediente: durante todo o dia — Telephone 3466 Norte.

21. CENTRO DOS CHAUFFEURS — Rua da Quitanda 6 — Expediente: durante todo o dia — Telephone: 978 Central.

22. CENTRO INTERNACIONAL — Avenida Men de Sá 78 — Expediente: das 14 ás 15 horas — Telephone 2316 Central.

23. UNIÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO DO RIO DE JANEIRO — Rua da Assembléa 71, 2. andar.

24. GRRMIO DOS MACHINISTAS DA MARINHA CIVIL — Rua do Rosaria 34.

25. CIRCULO DOS OPERARIOS DA UNIÃO — Rua Marechal Floriano Peixoto 18.

— Nem todas as associações estão aqui registradas, e das que o estão, algumas são as de que conseguimos obter informações precisas das sedes, nem das horas de expediente.

Para que este Indicado se torne completo, nos pedimos aos interessados que se dirijam directamente a nós, fornecendo-nos os dados sufficientes, o que de antemão agradecemos.

# INGLEZAS!

(Manufacturadas especialmente para a nossa casa)

Participamos á nossa numerosa freguezia que brevemente passamos a funcionar á rua Uruguayana 120. Attenção: continuamos a receber sempre as varias e melhores qualidades de casimiras de acreditadas fabricas inglezas.

saõ todas as fazendas que empregamos nos ternos de casimira, a 50\$, 60\$ e 70\$ sob medida, na ALFAIATARIA INGLEZA, depositaria das principaes fabricas da Inglaterra. Não confundir, as fazendas que empregamos nas roupas manufacturadas nesta casa são garantidas.


120 - RUA URUGUAYANA - 120

Filial á rua Uruguayana, 146 (Entre Alfañega e Hospicio)

— Como? — Simplesmente usando a JUVENUDE-ALEXANDRE, unico restaurador dos cabellos que evita a sua queda e a caspa.

— E quando? — Já, imediatamente, compre um frasco da JUVENUDE-ALEXANDRE, que custa apenas 3\$000, e poderá ser bella e fascinar o mundo.

— E onde se vende este preparado? — A JUVENUDE-ALEXANDRE vende-se em todas as perfumarias e drogeries.



16

para a Escola Normal e foi necessaria certidão de idade lá estava no registro de baptizados da freguezia de São Pedro — filha legitima, etc. Explicação, pois, não encontrava para o desdem, e mesmo raiva e odio com que a tratava o irmão. Nunca lhe fizera um carinho, nunca lhe dirigira a palavra senão para a molestar e humilhar.

Quando teve a desconfiança de que havia um mysterio na sua vida, considerando a differença de idade do irmão e della, esmerilhando e comparando, quasi se convenceu de que os velhos não eram seus paes.

— Tanto carinho e amor, tanta solicitude, tantos zelos só encontraria eu em paes verdadeiros. Elles são meus paes, e eu os adoro.

E não quis mais pensar em tal.

17

Pelas portas largamente abertas, com os raios do sol entravam perfumes de jasmim e rosas na sala de jantar, e, na varanda, enfeitada de begonias e dracenas, cantavam passaros que o Comendador Noronha trouxera. Tinham alli chegado depois do almoço no Globo, e Elsa já se occupava dos arranjos da casa, que, alugada e mobiliada com muito conforto por ordem de Alcibiades, não tinha recebido a demão delcada do arranjo, a distribuição e do encanto que só a mulher sabe dar. D. Eulina não chegara ainda e a contrariedade de Alcibiades era visivel. Quasi duas horas e meia da tarde, e ella que ficara certa de ver esperal os alli, na Fabrica das Chitas, pois não podia ir a bordo porque enjoava muito, não apparecera ainda.

Causava especie e parecia desattenção.

Afinal parou á porta um coupé, e d. Eulina, vestida á última moda, foi recebida no portão do jardim pelo marido e pelo sogro.

Entraram e ficaram de palestra animada na sala de visitas.

— Onde está Sazinha? Inda Eulina não conhece a cunhadinha, disse o velho Noronha.

— Cunhadinha?

— Sim. Minha filha Elsa, Alcibiades não lhe disse que tem uma irmãsinha? disse o velho sahindo e chamando em vozes altas:

— Elsa, Sazinha... Onde andas, pequena?

Ficaram os tres na sala,

D. Eulina olhando admirada para o marido e para a sogra:

— Nunca me fallaste em tua irmã, Alcibiades,

— Nunca te fallci, porque não tenho irmãs, disse com modo irritado o dr. Alcibiades. São manias antigas de meus velhos paes. Criaram uma mulatinha e querem impingir como sua filha a filha de alguma negra da rua.

D. Eulina empallideceu e sentiu uma grande revolta cou-

13

Elle compensava os seus auxiliares indo tambem amigavelmente á queimada nas roças dos vizinhos. Assim progrediam suas pequenas roças, distando leguas das outras. Mas o ponto escolhido pelos ultimos, pelo casual, era melhor, e em torno se foram formando outras plantaçoens, outras roças. O producto lhes chegava para viver, elles permutavam a farinha pelo feijão, o peixe pescad no rio proximo pelo legume, a caça pelo algodão. O excesso da produção, vendido na villa proxima, a muitas leguas de distancia, lhes dava os utensilios da lavoura e as roupas. Mas ia augmentando a população. Uma taverna se estabeleceu na encruzilhada, alguns ebrios surgiram.

Um dia o taverneiro foi nomeado representante da policia. Depois formou-se um quarteirão subordinado ao Juizo de paz. Em pouco tempo appareceram os impostos, qualificação de votantes, construcção de estrada e sua conservação. Foi desaparecendo a paz campezina. Formaram-se opiniões politicas, vieram as rixas das divisas, as disputas dos vizinhos, as demandas e a separação das familias e os odios da politica. Elle soubera de tudo e comprehendera como o Estado perturba e impede a tendencia constante do homem para a felicidade.

Absorvido pelas boas recordações, inteiramente entregue ao seu ideal de philosophia e de altruismo, ia Anselmo, esquecido dos soffrimentos moraes que lhe acarretára o casamento, onde procurara um refugio e a paz. Agora lhe voltava a noção clara da vida actual em familia. Elle comparava a vida despreocupada que levava depois de sua formatura, quando voltára á Bahia e assistira, já exaltado liberal opposicionista, ás festas da redempção dos escravos. Quasi se fizera conservador com João Alfredo. Depois a queda da monarchia, quando privava com Almeida Couto, e era já um dos influentes do partido liberal.

Ficára onde estava, ficára monarchista, e sahira da provincia. Não tardára entretanto a comprehender que toda a organização social se baseava no dominio do forte contra o fraco e que a Republica com sua constituição positivista, apesar dos egares de igualdade, mantinha como o positivismo a distincção de classes: persistiam o operariado, o patriado capitalista, o sacerdocio e as mulheres. A divisão do trabalho e a distribuição equitativa do bem estar artistico e intellectual e physico continuariam como privilegio de classes. Estudou o socialismo e o collectivismo com seu Estado social; e as ficas, os bonus de hora de trabalho lhe traziam a mesma impressão de dominio e de distincção.

A igualdade um sonho, a liberdade uma mentira, a fraternidade uma burla.

A Republica não satisfazia os seus idéas humanitarias; elle queria mais. Seu ideal era a communa, e elle tinha ainda peço de confessar a si mesmo: era a communa.

Chegára ao Rocha, e subindo lentamente a rua Gonçalves, antes de entrar no seu jardim, parou, voltou-se olhando para so

# O Professor Baçú

O VERDADEIRO PODER OCCULTO

*Diplomado pelo Nacional Institute of Sciences de Los Angeles-Galifornia, funcionando no Rio de Janeiro desde 1909. Sustantivo comitado pelos INNUMEROS BENEFICIARIOS PRATICADOS NO TRATAMENTO DA SAUDE E DA VIDA*

## TRATAMENTO PSYCHICO E MORAL

**AFFIRMA COM SEGURANÇA QUE COMBATE EFFICAZMENTE TODA E QUALQUER MOLESTIA, SENDO ENORME O NUMERO DE PESSOAS CONSIDERADAS INCURAVEIS QUE FIGARAM COMPLETAMENTE BOAS.**

**QUERIS COMBATER E VENCER NA VIDA? E POSSUIR O SEGREDO DO EXITO E DA SORTE?**  
**RPROCURAE OBTER JA** a Guia de Jerusalém (Sacred power of miracloous Jerusalem a guide), poderosa segurança nos passos da vida. E' proveimiraolous Jerusalém a guide), poderosa segurança nos passos da vida. E' proveimiraolous Jerusalém a guide), poderosa segurança nos passos da vida. E' proveimiraolous

**CONSULTAS DIARIAS DAS 9 A 5 HORAS DA TARDE.**  
379 - RUA DO RIACHUELO - 379

## AO PUBLICO E AOS MEUS CLIENTES

### O QUE DIZ A IMPRENSA E POVO QUE JULGUE OS BAÇUS

Qual dos dois é o verdadeiro?

#### A policia mandou fechar o consultorio do "Baçú"

O celebre caso dos "Baçús" entrou agora em uma nova phase com a intervenção energica da policia carioca. Como se sabe, estava em jogo o nome do capitão honorario do exercito Leão de Aquino Balseiros e o do individuo Jorge Kelly. Ambos dizem-se conhecedores das sciencias occultas, querendo cada um delles ser o verdadeiro professor "Baçú". Sendo o escandaloso caso divulgado pela imprensa, o 1º delegado resolveu agir, afim de apurar a veracidade da denuncia. Abrindo rigoroso inquerito, logo em seu inicio, o dr. Leon Ronsoulières procurou colher informações sobre os precedentes dos dois "professores" em luta. Jorge Kelly, segundo apurou a policia, tem tido uma vida toda cheia de accidentes compromettedores. Tendo sido embarcado, abandonou esta profissáo para verificar praça, em 1906, na Brigada Policial, isto quando commandava esta milicia o general Souza Aguiar. Da Brigada, passou-se Jorge Kelly para a casa comercial Walter Brothers, á rua da Quitanda, onde permaneceu pouco tempo. Durante o tempo em que esteve na Brigada, serviu Jorge sob a direcção do coronel Vieira Pamplona, no serviço de instalação de enaves de aeroplanos policiaes. Na casa Walter Brothers desempenhava as funções de auxiliar de instalação das caixas metalicas usadas no Archivo Municipal. Dahi, foi elle dispensado por ter a casa recebido um aviso da Prefeitura pro-

hibindo a entrada de seu empregado nas dependencias daquelle repartição. Sobre o capitão Balseiros, até agora conseguiu a policia apurar o seguinte: Em 1891, contraindo matrimonio, foi elle para o Estado do Paraná, onde fixou residência, ali desempenhando, por varias vezes, cargos publicos de responsabilidades. Durante o governo Vicente Machado, occupou elle os seguintes cargos: official maior do Congresso Estadual, 1º official da Secretaria do Interior, sendo, por essa occasião designado para exercer em comissão, o lugar de secretario particular da presidencia. Tendo feito concurso em 1899, foi o capitão Balseiros nomeado tabellião de notas e escrivão do civil, orphãos e casamentos, na comarca de S. José dos Pinhães. Abandonando o cargo, por questões politicas, veio para esta capital, empregando sua actividade na revisão do *Journal de Commercio e Diario de Noticias*. De 1900 a 1906 exerceu o cargo de administrador do Lyceu de Artes e Officinas, onde conquistou amizades de todo o pessoal do estabelecimento, inclusive o seu actual director. Deante das informações acima, a policia, com a maior facilidade, poderá apurar qual dos dois "Baçús" é o intrujão. Entretanto, enquanto não for encerrado o inquerito, a policia mandou fechar o "criptorio" de Jorge Kelly á rua dos Inválidos, afim de evitar que novas victimas sejam exploradas pelo ex-soldado de policia, que parece nada conhecer de sciencias occultas... (Editorial da *Gazeta da Tarde*, de 4 do corrente).

## A PEDIDO

### A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Séde social: Avenida Rio Branco — Rio de Janeiro (Edifício de sua propriedade)

Relação das apolices sorteadas em dinheiro, em vida do segurado

37º SORTEIO — 15 de Outubro de 1915

86.715 — D. Raymunda Botelho de Paiva — Mandos, Amazonas.

86.158 — Joaquim F. do Amaral e Silva — Rio Negro, Paraná.

36.256 — João Moura Junior — Florianópolis, Santa Catharina.

80.564 — Joaquim José Vivas — São Gonçalo, Estado do Rio.

95.251 — Nelson Martins Desouzar — Ladario, Mato-Grosso.

03.764 — Nilo de Souza Carvalho — Fortaleza, Ceará.

42.200 — Oswaldo M. F. P. da Silva — Recife, Pernambuco.

88.854 — Rodolpho Barreto Germano — S. Salvador, Bahia.

02.668 — José de Freitas Tinoco — São Paulo.

95.034 — Francisco Prestero — Campinas, S. Paulo.

42.671 — Evaristo Barbosa de Oliveira — Aparecida, Minas.

89.603 — Francisco Custodio da Veiga — S. João Nepomuceno de Lavras, Minas.

94.237 — Herculano Antunes Coelho — Capital Federal.

88.086 — D. Dulce Lourenço — Capital Federal.

89.681 — José Monteiro França — Capital Federal.

50.253 — Antonio Francisco Corrêa — Capital Federal.

Recebi d'A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida, a quantia de cinco contos de réis (5.000\$000), proveniente do sorteio a que se procedeu em 15 de Outubro deste anno, em suas apolices sorteaveis em dinheiro e em cujo sorteio foi a minha apolice, sob n. 95.034, contemplada, permanecendo a mesma em vigor, nos termos do actual contrato do seguro, me nos 300\$000 de imposto federal, que me entregará «A Equitativa» desde que o Governo attenda á reclamação feita pela mesma.

Recebi d'A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida, a quantia de cinco contos de réis (5.000\$000), proveniente do sorteio a que se procedeu em 15 de Outubro deste anno, em suas apolices sorteaveis em dinheiro e em cujo sorteio foi a minha apolice, sob n. 95.034, contemplada, permanecendo a mesma em vigor, nos termos do actual contrato do seguro, me nos 300\$000 de imposto federal, que me entregará «A Equitativa» desde que o Governo attenda á reclamação feita pela mesma.

Recebi d'A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida, a quantia de cinco contos de réis (5.000\$000), proveniente do sorteio a que se procedeu em 15 de Outubro deste anno, em suas apolices sorteaveis em dinheiro e em cujo sorteio foi a minha apolice, sob n. 95.034, contemplada, permanecendo a mesma em vigor, nos termos do actual contrato do seguro, me nos 300\$000 de imposto federal, que me entregará «A Equitativa» desde que o Governo attenda á reclamação feita pela mesma.

Recebi d'A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida, a quantia de cinco contos de réis (5.000\$000), proveniente do sorteio a que se procedeu em 15 de Outubro deste anno, em suas apolices sorteaveis em dinheiro e em cujo sorteio foi a minha apolice, sob n. 95.034, contemplada, permanecendo a mesma em vigor, nos termos do actual contrato do seguro, me nos 300\$000 de imposto federal, que me entregará «A Equitativa» desde que o Governo attenda á reclamação feita pela mesma.

Recebi d'A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida, a quantia de cinco contos de réis (5.000\$000), proveniente do sorteio a que se procedeu em 15 de Outubro deste anno, em suas apolices sorteaveis em dinheiro e em cujo sorteio foi a minha apolice, sob n. 95.034, contemplada, permanecendo a mesma em vigor, nos termos do actual contrato do seguro, me nos 300\$000 de imposto federal, que me entregará «A Equitativa» desde que o Governo attenda á reclamação feita pela mesma.

Recebi d'A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida, a quantia de cinco contos de réis (5.000\$000), proveniente do sorteio a que se procedeu em 15 de Outubro deste anno, em suas apolices sorteaveis em dinheiro e em cujo sorteio foi a minha apolice, sob n. 95.034, contemplada, permanecendo a mesma em vigor, nos termos do actual contrato do seguro, me nos 300\$000 de imposto federal, que me entregará «A Equitativa» desde que o Governo attenda á reclamação feita pela mesma.

termos do actual contrato do seguro, me nos 300\$000 de imposto federal, que me entregará «A Equitativa» desde que o Governo attenda á reclamação feita pela mesma.

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1915.  
FRANCISCO PRESTERA

Testemunhas: Telmo de Mello e Manoel Martins. (Firmas reconhecidas.)

Recebi d'A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida, a quantia de cinco contos de réis (5.000\$000), proveniente do sorteio a que se procedeu em 15 de Outubro deste anno, em suas apolices sorteaveis em dinheiro e em cujo sorteio foi a minha apolice, sob n. 89.681, contemplada, permanecendo a mesma em vigor, nos termos do actual contrato do seguro, me nos 300\$000 de imposto federal, que me entregará «A Equitativa» desde que o Governo attenda á reclamação feita pela mesma.

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1915.

JOSE MONTEIRO FRANÇA

Testemunhas: Antonio L. dos Reis e Flavio da Silva Ramos. (Firmas reconhecidas.)

Recebi d'A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida, a quantia de cinco contos de réis (5.000\$000), proveniente do sorteio a que se procedeu em 15 de Outubro deste anno, em suas apolices sorteaveis em dinheiro e em cujo sorteio foi a minha apolice, sob n. 50.253, contemplada, permanecendo a mesma em vigor, nos termos do actual contrato do seguro, me nos 300\$000 de imposto federal, que me entregará «A Equitativa» desde que o Governo attenda á reclamação feita pela mesma.

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1915.

ANTONIO FRANCISCO CORRÊA

Testemunhas: Telmo de Mello e Manoel Martins. (Firmas reconhecidas.)

A «A Equitativa» tem sorteado até esta data 978 apolices, no valor de 3.986.990\$, importancia paga EM DINHEIRO, aos respectivos segurados, continuando as mesmas apolices em vigor, com direito aos sorteios ultteriores, de conformidade com as clausulas respectivas.

## Para Incomodos de Senhoras A SAUDE DA MULHER

Poucas colheres alliviam Poucas frascos curam:

### Flores Brancas

Incomodos da idade critica. Regras dolorosas. Coliccas uterinas. Inflammação do utero. Hemorrhagias. Suspensão.



Laboratorio Dault & Legendre Rio de Janeiro

Vende-se em todas as pharmacias do Brasil

## LIVROS, JORNAES E REVISTAS

### "A INTERNACIONAL"

DE Alba, Vieytes & Rodrigues

FORNECEM-SE CATALOGOS

CAIXA POSTAL 1.936

RIO DE JANEIRO

SESSOESSESSOSES

## ALFAIATARIA

LEAL JUNIOR

Roupas sob medida

Para homens e senhoras.

Preços módicos e a prestações

Rua do Lavradio, 28

Telephone 472 S-Central

SESSOESSESSOSES

## Escola Remington

Dactylographia, tachygraphia, redacção, escripturação e calculos commerciaes.

Rua 7 de Setembro, 67

SESSOESSESSOSES

## EXPLICADOR

Linguas e diversas materias do curso Secundario e Normal.

RUA DR. CELESTINO, 56 A NICTHEROY

SESSOESSESSOSES

A colleção dos 10 primeiros numeros do "Na Barricada",

é vendida nesta

redacção ou pelo correio, a 2.000 reis.

14

verdes e incultos campos que se estendem para os lados da Praia Pequena. Bemfica e Inbaúma e foi ruminando as suas idéas de economia politica; pensando na produção daquelles campos, se fosse aproveitado na sua cultura o mundo inteiro de ociosos e gosa- dores que perambulam pela cidade, enchendo os cafés e lupanares.

V

No meio de cerrado nevoeiro parou o Transatlantico, e umas vagasinhas miúdas ciciavam no costado alto: grandes gaiotas, sahindo abruptamente da bruma matinal, pareciam passaros de magica rompendo septos de papel.

Terminára já a baldeação do convez. Elsa sahindo do seu camarote subiu para o passadiço pisando o convez com as pontas dos sapatinhos, aos saltos, com as saias um pouco suspensas e o corpo airoso envolto em um chale.

— Prrr, Paesinho, que frio! Bom dia, Mãesinha geme desde o Cabo Frio; diz que vem morrer aqui, que sua velhice não supporta frio assim. Mas onde está a Bella encantada? Onde está o Rio de Janeiro? Já estamos aqui há tanto tempo e não vejo nada: só cerração e uma ou outra gaiota. Ora, Paesinho, Vosmecê descrevia com tanto calor as bellezas da bahia do Rio de Janeiro, e afinal diz o Commandante—chegamos—e eu não vejo nada.

— Espera, sofrega! Vibha rufando, e siblando com um grande ruido de grandes azas agitadas a lanchinha da saúde dos Portos.

A nevoa começou a desagregar-se no alto, e os pontos onde se tornava transparente os raios allegres do sol iam atravessando. Os altos perfis das montanhas furavam a neblina que pesadamente se accumulava nas encostas. Como ilhéas, o Corcovado e os bevedeiros elevavam no mar imenso do nevoeiro. Elsa emzadã abaliza desolava aquelle *levar du ridou*. A floresta mti- pelas verdejantes collinas surgindo dentre o mattagal florido, pequenos agrupamentos como aldeias suissas suspensas nas quebras dos morros á beira da matta sombria, ella ia vendo apparecer como num encantamento. Foram se destacando os zimbórios, as torres e um montão sem numero de tectos se succedendo pela esplanada entre os morros; e os combustores de iluminação nas praias e nas alturas, como as vidraças, refractando a luz crua do sol matinal.

Uma floresta de mastros no fundo da bahia. A fortaleza de Villegaignon com seus coqueiros, a Ilha Fiscal como um palacio de fadas, passavam sob seus olhos, recuando, recuando, e do lado opposto a Boa Viagem, Nicttheroy, o monumento á Virgem dos Salesianos e já fechando o horizonte os alcantás da serra dos Orgãos meio vestidos ainda de farrapos de nuvens. Elsa comparou esta com a bahia de Todos os Santos, tambem bella, com sua cidade de presepe grimpendo pela collina, agarrando-se ás copadas manguei-

15

ras, com o espanejamento tropical das altas palmeiras.

A barra larga, ao longe, deixando ver o mar revolto lá fóra, espumoso e cantante, e as ilhotas grantas, Itapagipe, o Bomfim e no fundo a Plataforma e o caminho do Reconcavo ella revia agora, lembrando-se das innumerables viagens que fizera para Itaparica, Santo Amaro, Cachoeira e na Estrada de Verro, passando a grand ponte que liga Itapagipe á Plataforma sobre um braço de mar que por allí se intromette.

Elsa estava tão entredida a olhar o mar azul que o paquete agora vagorosamente cortava em direcção ao porto, vindo uma frota inteira de botes e saveiros acompanhando o navio, que não percebera que já estava a bordo do dr. Alcibiades.

Só depois, quando elle voltando de baixo, onde fóra cumprimentar d. Eulalia, conversava com o velho, ella o apercebera. Sentiu a menina um forte aperto no coração; não gostava de Alcibiades: os seus modos brutos para com ella nas poucas vezes em que estivera na Bahia a passeio ou em transito para Europa, a intimidavam; o modo escarinho com que a tratava sempre tornára odioso.

Aquella mudança para o Rio de Janeiro só lhe desgostára pela certeza que tinha de o encontrar sempre, e de se ver continuamente humilhada. Demais elle agora estava casado, e ninguém sabia o que era sua mulher.

Toda a alegria daquela manhã, todo o prazer de visitar pela primeira vez uma cidade desconhecida, toda a estupefacção que lhe trouxera a perspectiva daquelle natureza tão differente da que ella estava habituada a ver, cahiram e se transformaram em uma grande preocupação pelos desgostos dos dias que vinham.

Teve vontade de chorar e correu para o camarote de d. Eulalia que já se preparava para sahir. Subiram para o passadiço e Elsa muito timidamente, sem lhe estender a mãozinha enluvada, saudou Alcibiades. Elle, apenas a olhando, disse:

— Viva! e deu-lhe as costas.

— Não conheces mais Elsa, meu filho? Ella está muito crescida, não achas, disse d. Eulalia?

— Sim, sim, está moça. Olhe a lancha, meu pae. Vamos: está ficando tarde.

Tomaram a lancha. Elsa procurava a razão da malquerença daquelle que ella suppunha seu irmão.

Tempo houve em que nenhuma duvida ella tivera de que fosse realmente filha dos velhos; mas um dia um criado reprehendido a chamara de—engaitada. Outra vez na rua alguém dissera—bonita mulatinha, e ella percebera que os seus traços formosos tinham um que de mestiagem. Examinou o nariz e achou-o um pouco achatado, pouco, muito pouquinho. Mas havia alguma coisa no ondedo do cabello, nos labios corados e polposos, nas sombras das palpebras, alguma coisa de muito vago no moreno das faces que denunciava nella uma mestiça. Entretanto, quando quiz entrar

## LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil

Extracções publicas sob a fiscalisação do Governo Federal, ás 2 1/2 horas e aos sabbados ás 3 horas á rua Visconde de Itaboraaby n. 45

### SABBADO, 23 DE OUTUBRO

A's 3 horas da tarde — 309 — 38.

50:000\$000

Inteiros 4\$000 — Quintos a \$800

### SABBADO, 30 DE OUTUBRO

A's 3 horas da tarde — 309 — 39.

50:000\$000

Inteiros 4\$000 — Quintos \$800

### SABBADO, 6 DE NOVEMBRO

A's 3 horas da tarde — 30 — 21.

100:000\$000

Décimos \$800 — Quintos a \$800

N. B. — Os premios superiores a 200\$ estão sujeitos ao desconto de 5%. Os pedidos de bilhetes do interior devem ser acompanhados de mais 800 réis para o porte do Correio e dirigidos aos agentes geraes NAZARETH & C., rua do Ouvidor n. 94 Caixa n. 817 Teleg. LUSVEL e na casa F. Guimarães, Rosario 71 esquina do Beco das Cauellas, Caixa do Correio n. 1273.

